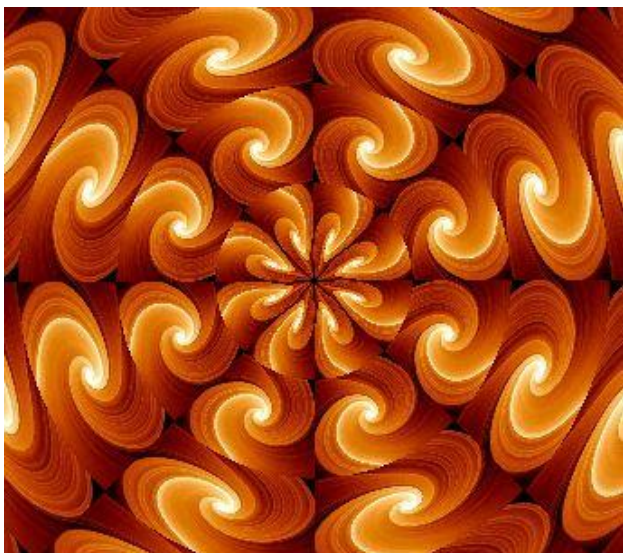


## SECCIÓN IMAGINARIOS Y CRÍTICA CULTURAL



Fuente: [mundoetereo.blogdiario.com/img/sicodelia.jpg](http://mundoetereo.blogdiario.com/img/sicodelia.jpg)

---

### **Artigas traído: o prócer solitário e as escaramuças pela memória**

**Cristiano Pinheiro de Paula Couto**

*Our concern with history is a concern with  
pre-formed images already imprinted on our brains,  
images at which we keep staring while  
the truth lies elsewhere, away from it all,  
somewhere as yet undiscovered.*

W. G. Sebald

#### **I - Os frágeis resquícios da verdade**

Acossado pelo transe da memória, o extraviado Austerlitz, de Sebald, na sanha obstinada de encontrar suas origens, perplexo, pensa: em que se baseia nossa compreensão da história senão na frágil narrativa que se arrasta pelo tempo em nosso encaixe enquanto a verdade repousa intocada em algum lugar perdido. Eis aí o dilema que os historiadores buscam demolir. Não lhes basta a verossimilhança. Mesmo tateando no escuro, tentam chegar a qualquer custo perto da verdade para tocá-la. Às vezes conseguem perturbar o lânguido sono dessa divindade arredia que os contempla com desdém do alto de seu píncaro. Ídolo do Ocidente, a verdade sorri para eles e se transforma naquela imagem que se afasta à medida que um observador tenta se

aproximar dela, um jogo de espelhos fisicamente impossível, mas que se presta como uma metáfora perturbadora.

A reflexão de Sebald sobre a história e sobre o peso da tradição no delineamento da imagem que dela fazemos reporta-me ao que ambiciono discutir aqui. Meu propósito é debruçar-me sobre um dos “lugares de memória”<sup>130</sup> mais disputados na sociedade uruguaia, José Artigas, o prócer das lutas do processo de Independência, cuja herança simbólica é reivindicada indiscriminadamente seja por correntes conservadoras, seja por setores progressistas. Poucas coisas há que sejam tão suscetíveis de se tornarem mitos como a figura dos próceres, os fundadores da nação. Mais do que isso exatamente, tenho como objetivo inserir o tema da reivindicação desse bem simbólico na análise do revisionismo histórico levado a cabo por Don Quijano, na tentativa de mapear um pouco os contornos que deram forma ao discurso dos *Cuadernos de Marcha* sobre a história. Ainda que as considerações de Quijano sobre Artigas predominem em outros espaços que não os *Cuadernos*, isso não indica qualquer silenciamento ou omissão do periódico. É mais lícito afirmar que o vulto do pensamento de Quijano, assim como o de seus colaboradores mais próximos, não importa o lugar e o momento em que tenham surgido, projetam-se intertextualmente e planam explícita ou subliminarmente sobre os textos publicados nos *Cuadernos*, um tipo de metaescrita que produz o trânsito das idéias de um lugar - no tempo e no espaço - para outro.

Antes de avançar sobre a análise das proposições de Quijano a respeito de Artigas, é válido insistir na indagação sobre a escrita da história, sobre o peso da tradição nessa escrita. O território dessa indagação é muito espinhoso para que me atreva a sondá-lo em toda a sua profundidade. Seria um esforço que exigiria um espaço reservado. Um espaço não somente ilustrativo ou secundário, mas exclusivo, em que se pudesse perscrutar com maior propriedade e conteúdo os quadrantes desse território quase intangível. Quero apenas fazer algumas considerações que me conduzam a uma melhor interpretação e compreensão dessas proposições de Quijano e de suas críticas sobre as narrativas oficiais. Buscarei mostrar como Quijano, ciente da vulnerabilidade dessas narrativas e das falácias das construções historiográficas, assume a atitude de um dinamizador de mitos nacionais. O Artigas que ele reivindica não é o de bronze que domina imponente a Praça Independência, em Montevideu. Muito pelo contrário, é desse que ele quer se distanciar: *Artigas no es nuestro y la reivindicación provinciana lo empequeñece. Es de todos los de estas tierras de la patria grande. Está más allá de su tiempo; y también más allá de su solar.*<sup>131</sup> Seu Artigas encarna um desafio ainda não ultrapassado, o do nacionalismo federalista, que nos dias de hoje irrompe redivivo no conceito de Regionalismo Autônomo. Esse desafio é ainda o da integração da América Latina, pedra-de-toque do projeto político que Quijano orquestrou: *Artigas es la independencia total y la república democrática; la nación en la confederación; la producción frente al intermediario; los frutos de la tierra para los que sobre ella, penan.*<sup>132</sup> Ao apresentar a crítica do diretor dos *Cuadernos* à narrativa oficial, seguida de uma interpretação, não pretendo sustentar sua indefectibilidade. Mesmo escorado no critério da independência crítica, Quijano não estava isento das cargas da tradição; sua voz soava dentro de um diapasão, isto é, seu discurso recolhia idéias pertencentes a um

---

130 **Nora, Pierre.** “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n° 10, 1993, p.12.

131 **Quijano, Carlos.** “Patria chica y patria grande”. Publicado originalmente em *Marcha*, 31 de maio de 1974. In: Quijano, Carlos. *América Latina - Una nación de Repúblicas*. Montevideo, Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, V. III, Tomo 1, 1989, p. 260.

132 **Quijano, Carlos.** “El hombre solo”. Publicado originalmente em *Marcha*, 20 de junho de 1964. In: Quijano, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 188.

projeto histórico que remonta à geração que lhe antecedeu, cujo *fundador y apóstol inicial durante largas décadas fue el colombiano José María Torres Caicedo (1830-1889)*<sup>133</sup>, projeto que *Marcha* tomou para si. Sua capacidade de predição política era extraordinária. Não era um profeta manejador de elementos mágicos; sua visão do futuro seguia ao passo de uma criteriosa observação das grandes correntes da história e das forças que lavravam os sulcos profundos onde germinavam as mudanças na sociedade. É assim que ele, desde o exílio no México, no dia 11 de julho de 1983, poucos anos antes de morrer, menciona, em um texto escrito na Segunda Época dos *Cuadernos de Marcha*, um projeto que nos dias atuais começa a tomar corpo: o projeto da União de Nações Sul-Americanas (Unasul). Em meio a suas indagações e inquietações, irrompe o Artiguismo como fermento de seu pensamento, como levedura incontornável de toda uma vida de reflexão sobre a América Latina e sobre o seu destino histórico: *¿Con quién y cómo podrá integrarse Uruguay? En el Sur las naciones son muy desiguales y vastas las distancias que existen entre muchas. Uruguay está cercado por Argentina y Brasil. ¿Cómo romper el cerco? ¿Cómo escapar a la mediatización? Estamos irremisiblemente condenados? No cabe pensar en una comunidad de naciones del Sur? [...] Lo queramos o no, es la nuestra una situación de múltiple dependencia. Y siempre hemos pensado que es preferible la integración con “todos”, a la anexión; la integración concertada a la que lenta o subrepticamente imponen los hechos y los “otros”, integración ésta que, en definitiva, no difiere de la anexión. Toda reflexión sobre el país conduce a Artigas. El retorno a la raíz evita caer en la desesperanza y obliga a seguir por el trillo.*<sup>134</sup>

Pois bem, para introduzir a reflexão sobre a escrita da história e sua relação com a ideologia, acredito que é pertinente lembrar das palavras de Marc Bloch, em seu ensaio sobre a teoria da história que é ao mesmo tempo um pungente testemunho produzido sob a névoa da guerra. Ali, o fundador dos *Annales*, recorrendo ao provérbio árabe, afirma: *Os homens parecem-se mais com o seu tempo que com os seus pais.*<sup>135</sup> O que se pode entender por isso? Para além das múltiplas interpretações que possam ser feitas, interessa-me marcar posição naquela que melhor se enquadra nos limites do que quero discutir. Diria que o provérbio reforça a idéia de que o clima espiritual é o ingrediente mais importante na constituição das visões de mundo de uma determinada época. Por que cargas d'água trago à tona esse provérbio? Reporto-me a ele para entrar em diálogo com um dos lastros teóricos que orientam minha análise. Escrito na década de 60, *História e Ideologia*, de Ernildo Stein, é uma breve ponderação acerca da formação das consciências históricas e sobre os constrangimentos que surgem a toda hora para intervir na síntese do próprio conceito de história. Esse conceito está emaranhado em fios que produzem nele intermináveis modulações. A reflexão de Stein apareceu em uma circunstância na qual a supremacia das análises marxistas sobre a ideologia era irrefutável. Se o seu ponto de vista eclode aqui, não é para anular a contribuição de Marx, mas antes para acrescentar uma gradação diferente à sua palheta de cores.

Talvez não exista caminho que conduza à imparcialidade. A objetividade foi a primeira criação da subjetividade. Como expressou Stein, até mesmo a técnica e todo o aparato da ciência não estão isentos da subjetividade; os juízos sempre serão abraçados pelo manto do costume, da religião e de tudo aquilo que recobre as crenças de uma época: *Não apenas nosso grau de conhecimento é limitado no que se refere à tradição*

---

133 **Ardao, Arturo.** “Prólogo”. In: Quijano, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 19.

134 **Quijano, Carlos.** “Reflexiones sobre Uruguay”. Publicado originalmente em *Cuadernos de Marcha*, México, julho de 1983. In: **Quijano, Carlos.** *Op. cit.*, (1988), pp. 381-382.

135 **Bloch, Marc.** *Introdução à História.* Portugal, Publicações Europa-América, 1997, p. 94.

*que nos persegue, mas o clima espiritual, que nos envolve, seleciona nossos juízos e os determina a cada momento. O próprio passado que julgamos dá seu colorido ao nosso juízo em cada momento. Estamos envoltos nas cargas da tradição quando interpretamos a tradição. A história como passado pesa sobre nós, mesmo quando julgamos atingi-la com absoluta isenção. O espírito que analisa a tradição não sobrepaira. A própria tradição o sustenta.*<sup>136</sup>

Se todo observador que vislumbra a história não consegue divisar um horizonte maior do que as suas próprias condicionantes permitem-lhe enxergar, parece certo afirmar que qualquer consideração feita sobre o passado haverá sempre de ser particular, portanto, em momento algum esse observador pode presumir que sua interpretação é universal: *A consciência histórica como esforço de lucidez diante da história relativiza as opiniões e transforma a verdade em perspectivas de suas diversas faces. Isto porque cada qual mergulha numa tradição histórica que lhe dá um determinado horizonte de reflexão e assim particulariza sua perspectiva e sua verdade.*<sup>137</sup> [grifo meu]

A escrita da história não se desprende completamente das amarras da tradição. A relativização das opiniões surge, então, na visão de Stein, como atitude teórica inexorável. O relativismo epistemológico, que remonta a Protágoras, como ferramenta substantiva da formação da consciência histórica, situa o seu esforço analítico, ou melhor, torna datada suas considerações sobre a relação entre a história e a ideologia. Sua compreensão é de extração heideggeriana e permeável ao influxo do existencialismo, da fenomenologia e da hermenêutica, correntes fortes do pensamento europeu no século XX. Nada disso, porém, a desqualifica; o próprio Stein conhece como ninguém cada uma das armadilhas que se infiltram na construção de sua linha de argumento. Ele não sugere a frouxidão dos juízos sobre a história para erigir em seu lugar uma noção imbatível, no entanto, é convicto das forças redentoras liberadas pela purificação dos preconceitos: *Nossa consciência histórica já vem sempre condicionada pela tradição em que mergulhamos. Se quiséssemos julgar a história sem olhar para nossos condicionamentos, nossos preconceitos, nossas projeções de sentidos, nossas antecipações, nossa consciência histórica nos esconderia a verdadeira face da história. Por isso devemos afirmar que nossos olhos, que contemplam a história, devem ser continuamente purificados dos preconceitos que a tradição arraiga em nós. Disto surge a situação hermenêutica que nos abre a verdade da história.*<sup>138</sup>

A verdade da história, portanto, para Stein, pode ser descortinada desde que a hermenêutica, e não a dialética, acuda em auxílio daquele que pretende esquadrihar seus largos corredores e labirintos. A ideologia tenciona e orienta a escrita da história, que se torna vulnerável a contingências de toda ordem, sejam afetivas, sejam institucionais. A chave que lhe abre as portas é a teleologia: ela é, pois, a *leitura que fazemos de uma situação histórica num conjunto de acontecimentos, leitura que é orientada pelas exigências da ação a ser realizada.*<sup>139</sup> Em outras palavras, a *ideologia no âmbito político, econômico e social é sempre uma tentativa de realizar uma visão de mundo incoativamente possuída ou claramente determinada, procurando objetivá-la com suas verdades na história.*<sup>140</sup> Pouco a pouco o que se vê é o crescimento de um vulto que vai tomando corpo na conceitualização da ideologia que Stein tenta levar a cabo. Esse vulto é o que a filosofia alemã designou como *weltanschauung*, que

---

136 Stein, Ernildo. *História e Ideologia*. Porto Alegre, Movimento, 1999, p. 29.

137 *Op. Cit.*, p. 34.

138 *Op. Cit.*, p. 35.

139 *Op. Cit.*, p. 59.

140 *Op. Cit.*, p. 64.

literalmente vem a ser a visão de mundo. A mediação entre a história e a ideologia se dá pelo assédio do poder que instaura a égide de novas visões de mundo. Como expressou Stein, a formação de estruturas hegemônicas é o metrônomo que dita os andamentos do trânsito entre a história e a ideologia: *A ideologia acentua, portanto, sua presença quando procura instaurar, concretamente, numa determinada cultura, instituições novas, nos diversos setores da manifestação da atividade humana. Isto é tentado, sem dúvida nenhuma, dentro de uma determinada visão do homem e da história que vem sustentada pela visão de mundo.*<sup>141</sup>

## **II - Artigas redivivo**

Mais do que a força cogente consagrada nas normas e regras dos ordenamentos jurídicos, as “linhas duras” de Deleuze<sup>142</sup>, é a lei do coração, como referiu Terry Eagleton,<sup>143</sup> que alcança maior eficácia na manutenção da coesão social. Entendida a ideologia como uma ferramenta utilizada para estabelecer formas de controle na sociedade, assegurada pela criação de uma Ordem institucional, interessa-me agora lançar uma mirada sobre as reflexões de Quijano a respeito de Artigas. Ora, a troco de quê me proponho furungar essas reflexões do diretor dos *Cuadernos*? Afinal de contas o que Artigas tem a ver com o conceito de ideologia? Tudo, e não precisaria dizer mais nada, mas, para não ser tão assertivo, lembro apenas que o Artiguismo está no cerne da formação daquela que talvez seja a maior instituição das sociedades modernas, o Estado nacional, mais exatamente do Estado nacional uruguaio ou República Oriental do Uruguai. Toda a identidade política do povo oriental depende da interpretação do sentido do pensamento artiguista. Tenho a intenção de analisar as críticas de Quijano a um culto que ele considerava estéril e deturpador, o culto, para ele, de um “herói” de conveniência. Para Quijano, o pensamento de Artigas, líder traído e abandonado no ostracismo, foi esvaziado. Ao fazer isso, acredito poder capturar no específico o fundamento geral das suas críticas - e, por extensão, também a dos *Cuadernos* - sobre as narrativas oficiais. Tentarei mostrar como Quijano, ciente da vulnerabilidade dessas narrativas e da fragilidade das construções historiográficas, leva adiante a tarefa de dilapidar as bases que sustentam o mito artiguista celebrado nas cerimônias oficiais, empreendendo um esforço de revisão. Em que consiste o seu revisionismo? Não responderei às secas a indagação. Acredito que a melhor resposta pode brotar das próprias ponderações de Quijano. Um rastreamento de seus relatos sobre Artigas iniludivelmente traz à superfície a matéria que torna possível a compreensão da concepção política do diretor dos *Cuadernos* sobre a herança do pensamento artiguista, torna possível ainda o entendimento da influência dessa herança na sua formação política. Para além da tentativa de acompanhar de perto a interiorização por Quijano das idéias de Artigas, vale a pena também perceber no teor de suas enunciações tudo aquilo que toma substância e relevo no que diz respeito à importância dessas idéias para a construção de um novo paradigma, em última instância, um novo *ethos* político uruguaio e latino-americano. O que Quijano mais perseguiu foi a criação de um projeto nacional e continental: *Ser artiguista es ser rioplatense. Ser rioplatense es ser hispanoamericano. Si hay leyes naturales, esa es nuestra ley natural. Nuestra tradición*

---

141 *Op. Cit.*, p. 65.

142 *Passim* Deleuze, G. & Guattari, F. Micropolítica e Segmentaridade. Trad. Suely Rolnik. In, *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. São Paulo: 34, 1996.

143 *Passim* Eagleton, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1993.

y nuestro destino. *El proyecto básico, al cual todos los otros están condicionados.*<sup>144</sup> Tanto *Marcha* como os seus *Cuadernos* canalizaram os esforços de uma geração de intelectuais que se juntou para pensar a respeito da crise que o Uruguai e a América Latina atravessavam: crise social, institucional, econômica e cultural.

Crise social porque a estrutura das suas sociedades ainda reproduzia contradições e mazelas instaladas em suas nervuras desde o processo de Independência. Crise institucional porque ao longo de suas histórias a convulsão da ordem política, a instalação de regimes de exceção ou ditaduras imprimiram a marca da instabilidade na tessitura jurídica de seus Estados. O melhor termômetro dessa instabilidade talvez seja o aparecimento de inúmeras constituições ora outorgadas, ora promulgadas que modificaram seus ordenamentos jurídicos toda vez que o *statu quo* era sacudido por erupções desencadeadas por lutas de poder. Essa crise na Ordem institucional engendrou aquilo que a historiadora Cláudia Wasserman sublinhou a respeito da insistente presença da questão nacional no pensamento latino-americano: *A questão nacional na América Latina e os problemas de identidade nacional, das origens da nação e da nacionalidade são temas há muito consagrados pelo pensamento intelectual latino-americano e pelos historiadores. A busca do caráter nacional e sobre as origens da nação estão muito relacionados às dificuldades de construção de ordenamentos políticos estáveis.*<sup>145</sup>

Crise econômica porque as bases de suas alternativas de desenvolvimento ainda permaneciam atadas às amarras que perpetuavam uma inserção internacional dependente. Finalmente, crise cultural porque a vulnerabilidade externa do subcontinente permitia a penetração contínua de bens simbólicos adventícios que inundavam os patrimônios culturais nacionais, sobrepondo-se a eles, enquanto seus intelectuais, ou melhor, seus “intérpretes”<sup>146</sup>, ainda tentavam adentrar nas capilaridades da nação para encontrar a sua identidade.

Óbvio que o conceito proposto por Santiago pode ser aplicado fora do contexto brasileiro. Como no Brasil, em todas as jovens nações latino-americanas pulularam relatos e ensaios de interpretação da realidade sejam aqueles baseados em critérios sociohistóricos, sejam aqueles que se detiveram no estudo da cultura e da psicologia nacionais. Penso que Quijano foi um desses “intérpretes”. Nascido com o século, foi formado sob o signo das grandes correntes de pensamento européias que se consolidaram no século XIX, cujas ondulações se arrastaram para dentro do século XX. As correntes de idéias francesas foram as mais incisivas na sua formação em virtude dos anos nos quais estudou na Sorbonne, ou melhor, essas idéias não teriam exercido tanta influência no jovem Quijano apenas por causa da sua estada na França, se, antes, no seu Uruguai e em todo o terreno cultural platino, não houvessem tido repercussão. Bem, o silogismo ainda não está completo; exposta uma inferência, isto é, a sugestão de que Quijano foi um “intérprete”, seguida por premissas menores, resta apresentar uma

---

144 **Quijano, Carlos.** “Patria chica y patria grande”. Publicado originalmente em *Marcha*, 31 de maio de 1974. In, **Quijano, Carlos.** *Op. cit.*, (1989), p. 260.

145 **Wasserman, Cláudia.** “Percursos intelectuais latino-americanos: Nuestra América de José Martí, e Ariel de José Enrique Rodó - as condições de produção e o processo de repercussão”. *Intellectus* (UERJ), v. I, 2006, p. 01.

146 O vocábulo está empregado aqui na acepção que lhe é dada por Silviano Santiago na introdução da coleção organizada por ele sobre as diferentes interpretações acerca do Brasil. Não deve ser confundido com a noção que lhe é dada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman em oposição à idéia de “legisladores”. Cf. **Santiago, Silviano.** *Intérpretes do Brasil.* Rio de Janeiro, Aguilar, 2000. E, para uma consulta mais detida dos conceitos manejados pelo sociólogo polonês, conferir: **Bauman, Zygmunt.** *Legisladores e intérpretes - Sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales.* Buenos Aires, Universidad Nacional de Quilmes, 1997.

proposição maior que complete o raciocínio. Ora, por que essas idéias gestadas no século XIX europeu deram origem na América Latina ao ímpeto de interpretar a nação? O século XIX na Europa inaugurou a “era da burguesia”. A nova classe em ascensão imolou o coletivismo das velhas sociedades orgânicas, baseadas no costume e na fé cristã, e passou a cultuar novos Deuses: a ciência, o progresso e o individualismo. Em lugar das antigas certezas surgiram dúvidas, em lugar do homem resignado e piedoso surgiu o homem inquieto e especulativo. As mudanças nas estruturas de sensibilidade, desencadeadas pelo desaparecimento do mundo equilibrado e ordenado que a exegese bíblica e a autoridade eclesiástica ratificavam e reforçavam, provocaram reações; a perplexidade e o assombro não foram as maiores entre elas. Talvez, a maior reação tenha sido o crescimento do apelo da necessidade de pertencimento ora à uma classe, ora à uma nação. Por sua vez, essa necessidade de pertencimento gerou uma profusa produção historiográfica aferrada no estudo das origens. Talvez, a fixação ao tema das origens tenha sido decorrente de um sentimento nostálgico, de um apego à lembrança de um mundo com fronteiras existenciais e espirituais bem delimitadas, alimentado por convicções e crenças cristalizadas. O homem burguês, ávido por pertencer à uma nova unidade estruturante, tornou-se sequioso de suas origens. Se a nova unidade estruturante que surgiu para substituir a anterior foi o Estado nacional, possivelmente a insistência no estudo das origens da nação tenha manifestado a insuficiência de um organismo jurídico para preencher o vazio existencial gerado pela implosão do mundo antigo. A proposição que apresento é apenas uma hipótese que não pretendo desenvolver aqui por não ser exatamente o que mais me interessa. O que importa sublinhar agora é que o clima intelectual europeu novecentista teve uma tremenda repercussão na América Latina, e também que muitos dos conceitos que abasteciam a cultura européia encontraram acolhimento no terreno cultural latino-americano. Percebo que o silogismo no final das contas se transformou em uma digressão. Não faz mal, desde que ela não comprometa a clareza da linha de argumento que tento levar adiante. Volto, então, ao que é mais significativo, com uma pergunta: Como Quijano, ao tentar interpretar a realidade política uruguaia com suas sacralizações e mitos, descreveu o traçado que desenhou a figura de um “pai fundador” para o Uruguai? Permito que ele mesmo responda, como já alertei que faria: *Después vino tardamente la hora de la reparación y en ella todas las voces confluyeron para ofrecernos la imagen depurada e ideal de un jefe, sin sangre, sin huesos y sin barro, de un tutelar patriarca colocado más allá del bien y del mal, del error y de la injusticia. Depurada imagen, vacía de vida. Depurada imagen que pertenece a la hagiografía.*<sup>147</sup>

Quijano, no entanto, não saiu a esmo dinamitando imagens sagradas; não era um iconoclasta inconseqüente. Se fustigou um Artiguismo que considerava embolorado, não foi para deixar o povo oriental órfão de “heróis”. Pode até ser que muitos o tenham visto como um férreo pessimista, coisa que não foi, absolutamente. Antes de mais nada foi um crítico rigoroso da sociedade, preocupado com o impacto dos relatos oficiais na formação da consciência histórica de seus concidadãos. Não está equivocada a idéia de que o diretor dos *Cuadernos* cultivava com denodo uma tenaz atividade “docente”. Como seus predecessores, Rodó e Vaz Ferreira, Quijano também foi um “maestro” das juventudes. Devo matizar a palavra “docente”, mesmo que ao colocá-la entre aspas já o tenha feito. Quando me refiro à propensão de Quijano ao ofício pedagógico, não quero apenas me reportar aos limites internos da prática do ensino, aos protocolos desse ofício, que ele também exerceu, mas quero principalmente explicitar a inclinação acentuada dele ao que me atreveria a denominar como “didatismo cívico”, isto é, o afã

---

147 Quijano, Carlos. “El gran traicionado”. Publicado originalmente em *Marcha*, 19 de maio de 1961. In: Quijano, Carlos, *Op. cit.*, (1989), p. 150.

em educar a sociedade para que ela pudesse acionar melhor os vetores de sua transformação. Em certo sentido, para ele somente por meio da educação a democracia poderia realizar-se plenamente. Quijano acreditava que a construção de uma democracia socialista no Uruguai e na América Latina deveria repousar sobre as tradições do pensamento político nacional e continental, colhendo água das fontes que irrigaram essas tradições. O “didatismo cívico” para o qual chamo a atenção não passou ao largo da análise de Peirano Basso, que percebeu uma percuciente motivação pedagógica nos *Cuadernos*: *Es interesante que la Dirección considere la utilización pedagógica de los contenidos de los Cuadernos. Vista esta sugerencia en una perspectiva mayor, la propuesta de los Cuadernos avanza en el campo de la formación docente de los ciudadanos uruguayos, preocupándose por el plano de la educación nacional.*<sup>148</sup>

Artigas, com seu federalismo republicano, representava, para o diretor dos *Cuadernos*, uma opção oposta à atomização engendrada no século XIX pelas lutas intestinas entre as oligarquias: *La hora llegó de los que balcanizaron a nuestros pueblos. De los que nos dividieron, por imposición de los de afuera y para satisfacer sus ambiciones de mando. Estos ciento cincuenta años de nuestra América, son ciento cincuenta años de despedazamiento y fragmentación.*<sup>149</sup> Ele queria dar voz ao conteúdo “autêntico” do pensamento artiguista, aquele que ficou proscrito ou eludido. Ao defender o retorno a um conteúdo genuíno, fez uma crítica acerba aos relatos edificantes e laudatórios criados pelo oficialismo: *Ahora como ayer, ha de volverse hacia el Artigas auténtico - sangre, nervios, huesos, barro - para reiniciar la marcha y lanzarse al combate, contra los herederos de alma de aquellos que consumaron la gran traición, esa gran traición todavía victoriosa, que recurre a los mismos métodos, las mismas prácticas, los mismos argumentos y los mismos apoyos - cambian sólo las denominaciones - para derrotar otra vez al artiguismo.*<sup>150</sup>

Inevitavelmente, o enunciado efusivo de Quijano deixa um problema saltar à vista: diria que ele pressupõe uma certeza, a de que existe um Artigas “autêntico” e outro “apócrifo”. Para ele, contudo, esse problema é inexistente. Na polaridade que eclode em seu enunciado, não há sombra de aporia porque não há dificuldade de escolher entre duas opiniões contrárias e igualmente racionais sobre um dado assunto. Ora, está claro que o assunto é bem palpável: trata-se da compreensão do Artiguismo. Se, para Quijano, não existe aporia, é em decorrência de que os relatos oficiais em sua opinião não passam de fraudes e, portanto, como não se embasam em critérios racionais por serem espúrios, nem sequer podem figurar como alternativa válida de explicação ou interpretação do Artiguismo. Para o diretor dos *Cuadernos*, portanto, essa certeza era irrefutável. Quando insisto que não foi um iconoclasta inconseqüente é porque ao mesmo tempo que atacava o culto oficialista à figura de Artigas também construía, com um tom quase épico, a sua própria narrativa, a sua própria imagem de um “herói” redivivo: *Pasarán todavía muchos años antes de que el mundo entero, América y el Uruguay, conozcan a Artigas. Ningún otro personaje en el país, se le compara. Ningún otro, en todo el ámbito continental. El pasado es él, la respuesta que reclama el presente, está en él; en él, está el futuro. Sobre nuestras tierras pesa, desde hace ciento*

---

148 **Basso, Luisa Peirano.** *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos.* Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2001, p. 209.

149 **Quijano, Carlos.** “El hombre solo”. Publicado originalmente em *Marcha*, 20 de junho de 1964. In: Quijano, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 188.

150 **Quijano, Carlos.** “El gran traicionado”. Publicado originalmente em *Marcha*, 19 de maio de 1961. In: Quijano, Carlos, *Op. cit.*, (1989), p. 151.



*cincuenta años, su derrota. Pero esa su derrota, es su victoria y será nuestra victoria.*<sup>151</sup>

Como uma derrota pode passar a ser uma vitória? Que tipo de combate é travado aqui? Passado, presente e futuro: eis a vertigem. Onde Quijano quer chegar, ao cair no vórtice do tempo? Quando foi traído e deixado no ostracismo, Artigas foi derrotado. Porém, quem ficou o resto dos seus dias exilado no Paraguai perdido em seu labirinto como o Bolívar<sup>152</sup> de Garcia Márquez, foi apenas o General Artigas. Algo não ficou desterrado. O poeta latino, Ovídio, também morreu afastado de seu torrão. Do exílio, atormentado por não poder regressar a Roma, escreveu este verso: “Tu, que podes, parte meu livro e contempla Roma.” Pois bem, esse verso expressa com uma tremenda exatidão o que quero dizer: Ovídio lamentou-se por não poder se deitar mais à margem do Tibre, na cidade de Rômulo, mas sabia que de alguma forma haveria de nela estar presente. Como? Ora, na memória dos seus conterrâneos. Assim, toda vez que um romano pensasse em seus versos, ali ele haveria de estar. Para Quijano, o mesmo acontece com Artigas porque, embora tenha sido traído e depois derrotado em Tacuarembó, o seu pensamento permanece vigoroso e vivo, capaz de dar uma contribuição inestimável aos projetos políticos prementes tanto para o Uruguai como para a América Latina. O nacionalismo antiimperialista de Quijano não poderia, portanto, conviver com a exaltação marcial daquilo que ele via como um esclerosado Artiguismo difundido pela Ordem institucional: *La historia del pasado siglo y medio es, con parciales y/o transitorias rectificaciones, la historia del antiartiguismo.*<sup>153</sup> O revisionismo histórico de Quijano, fundamentado em Artigas, combateu o centralismo unitário das oligarquias e sobretudo defendeu as alianças supranacionais: *Alguna vez llamamos a Artigas “el gran traicionado”. Lo es y lo seguirá siendo por muchos años más. Tal como lo vemos, el artiguismo es un fenómeno único - “cosa extraordinaria y sorprendente” - en nuestra América. Todo está en él: el ayer y el mañana, ese mañana que podemos imaginar o entrever y por el cual debemos trabajar. Los orientales seremos artiguistas de la raíz a la copa, o no seremos nada. Y Argentina y Paraguay y Bolivia también. La Argentina federal, que está lejos de lograda, viene de Artigas. De él y de los caudillos que a su lado y bajo su inspiración, pelearon: los Ramírez, los López, los Hereño. La actual Bolivia y Paraguay se perdieron para la gran confederación que Artigas imaginó, por la traición y la miopía de las oligarquías unitarias.*<sup>154</sup>

### III - Uma “geração implacável”

Representante notório da “geração crítica” uruguaia, Quijano recebeu o empuxo que mais a movimentou, isto é, o compromisso irredutível com a formação de uma consciência latino-americana. Todo aquele assombro que deixou o Austerlitz, de Sebald, aterrado, quando o personagem do escritor alemão refletiu sobre o traço evasivo

---

151 **Quijano, Carlos.** “El hombre solo”. Publicado originalmente em *Marcha*, 20 de junho de 1964. In: **Quijano, Carlos.** *Op. cit.*, (1989), p. 187.

152 O escritor colombiano, ao humanizar a imagem de Simón Bolívar em seu romance, transformando o sacralizado personagem histórico em um homem com angústias, inseguranças e idiossincrasias, também tentou desmitificar a figura de um prócer hierático e apolíneo. In: **Márquez, Gabriel Garcia.** *O General em seu labirinto.* 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

153 **Quijano, Carlos.** “El hombre solo”. Publicado originalmente em *Marcha*, 20 de junho de 1964. In: **Quijano, Carlos.** *Op. cit.*, (1989), p. 187.

154 **Quijano, Carlos.** “Patria chica y patria grande”. Publicado originalmente em *Marcha*, 31 de maio de 1974. In: **Quijano, Carlos.** *Op. cit.*, (1989), p. 260.

da verdade da história, jamais teve o mesmo apelo em Quijano: *Don Carlos Quijano era la inteligencia y era el rigor; pensaba de otra manera y hacía pensar de otra manera.*<sup>155</sup> Era antidogmático, é certo, como seu predecessor, o filósofo Carlos Vaz Ferreira, que tanta influência teve sobre ele, mas não era um cético ou um relativista; tinha posições políticas firmes e, quando necessário, formava trincheiras para defender suas idéias. *Marcha* e seus *Cuadernos* foram duas delas, talvez as mais combativas. Imerso em um mundo de confrontos maniqueístas e titânicos, de lutas ideológicas, Quijano, ao lado de figuras timoneiras do projeto de *Marcha*, como Carlos Real de Azúa, afastou-se dos pólos de poder e, como muitos intelectuais uruguaios, abraçou o “tercerismo”, ou seja, uma posição independente em política internacional. Observador atento do choque estrondoso entre as duas “verdades” mais imperantes do sistema da Guerra Fria, ele não exitou em se manter à distancia desse choque, formulando críticas cáusticas aos dois lados da balança de poder. Sua verdade era outra, e o Artiguismo que ele reivindicou a fortalecia. Seu projeto e por extensão o de *Marcha* e dos seus *Cuadernos* era a formação de um pensamento continentalista. Para levar adiante esse projeto, ele e sua geração investiram incansavelmente contra crenças e convicções no encaço obstinado da verdade adormecida no regaço da consciência histórica. Era um marxista, acreditava nas explicações sistematizadas, aquelas que procuravam “o sentido da história”, cujo ocaso foi identificado por Lyotard.<sup>156</sup> O crepúsculo das “grandes narrativas” provocou um abatimento nessa geração, mas não a demoveu. Foi uma “geração implacável”, como a definiu Carlos Maggi.<sup>157</sup> Assim Rama sintetizou o papel que teve essa geração: *Hecho el balance pienso que ha marcado un giro decisivo de la vida nacional y ha logrado encauzar la sociedad hacia un asentamiento sobre la realidad del mundo actual, sobre sus legítimas aspiraciones de progreso y justicia, sobre el panorama cultural de la región latinoamericana, sobre la apertura a un profundo cambio que le permita avanzar. Ha desenmascarado, ha desnudado, no ha vacilado ante las convenciones ni los principios estatuidos, ha enfrentado la enfermedad señalándola para que nadie la ignore. No la ha curado.*<sup>158</sup>

Lenin costumava dizer que o pensamento, a teoria, é a vanguarda das grandes transformações históricas. Por mais seminal que tenha sido a contribuição política e cultural dessa “geração imbatível”, a “cura” para a qual Rama chama a atenção não poderia decorrer apenas das suas iniciativas e intervenções. O pensamento é somente a vanguarda das “profundas mudanças” que Rama também refere. Talvez ele possa desencadeá-las, mas não as levar sozinho a cabo sem a companhia do turbulento vagalhão liberado pelo clamor social. Não há panacéia possível. O dissenso, no entanto, pode corroer por dentro as engrenagens do consenso e provocar mudanças paulatinas.

---

155 Maggi, Carlos. *El Uruguay de la tabla rasa*. Uruguay: Fin de Siglo, 1992, p. 35.

156 Cf. Lyotard, J. F. , *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

157 Maggi, Carlos. *Op. cit.*, p. 34.

158 Rama, Ángel. *La generación crítica 1939 – 1969*. Editorial Arca, Montevideo, 1972, p. 103.

## **Bibliografía**

- Ardao, Arturo.** “Prólogo”. In: **Quijano, Carlos**, *América Latina - Una nación de Repúblicas*. Montevideo, Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, V. III, Tomo 1, 1989.
- Basso, Luisa Peirano.** *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos*. Buenos Aires, Javier Vergara Editor, 2001.
- Bauman, Zygmunt.** *Legisladores e intérpretes - Sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales*. Buenos Aires, Universidad Nacional de Quilmes, 1997.
- Bloch, Marc.** *Introdução à História*. Portugal, Publicações Europa-América, 1997.
- Lyotard, J. F.** *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2004.
- Maggi, Carlos.** *El Uruguay de la tabla rasa*. Montevideo, Fin de Siglo, 1992.
- Márquez, Gabriel García.** *O General em seu labirinto*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1997.
- Nora, Pierre.** “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n° 10, 1993.
- Passim Deleuze, G. & Guattari, F.** “Micropolítica e Segmentaridade”. Trad. Suely Rolnik. In: *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. São Paulo, 34, 1996.
- Passim Eagleton, Terry.** *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1993.
- Quijano, Carlos.** “El hombre solo”. Publicado originalmente em *Marcha*, 20 de junho de 1964. In: **Quijano, Carlos**. *América Latina - Una nación de Repúblicas*. Montevideo, Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, V. III, Tomo 1, 1989.
- Quijano, Carlos.** “El gran traicionado”. Publicado originalmente em *Marcha*, 19 de maio de 1961. In: **Quijano, Carlos**. *Op. cit.*, (1989).
- Quijano, Carlos.** “Patria chica y patria grande”. Publicado originalmente em *Marcha*, 31 de maio de 1974. In: **Quijano, Carlos**. *América Latina - Una nación de Repúblicas*. Montevideo, Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, V. III, Tomo 1, 1989.
- Quijano, Carlos.** “Reflexiones sobre Uruguay”. Publicado originalmente em *Cuadernos de Marcha*, México, julho de 1983. In: **Quijano, Carlos**. *América Latina - Una nación de Repúblicas*. Montevideo, Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, V. III, Tomo 1, 1989.
- Rama, Ángel.** *La generación crítica 1939 – 1969*. Editorial Arca, Montevideo, 1972.
- Santiago, Silviano.** *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro, Aguilar, 2000
- Stein, Ernildo.** *História e Ideologia*. Porto Alegre: Movimento, 1999.
- Wasserman, Cláudia.** “Percurso intelectuais latino-americanos: Nuestra América de José Martí, e Ariel de José Enrique Rodó - as condições de produção e o processo de repercussão”. *Intellèctus* (UERJ), v. I, 2006.
-